



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
CAMPUS SENHOR DO BONFIM
COLEGIADO DE GEOGRAFIA**

KATIANE BENEVIDES GONÇALVES

**A PRODUÇÃO DE CIDADE: Uma análise das transformações do
espaço urbano na Cidade de Andorinha-BA (1989-2020)**

**SENHOR DO BONFIM, BA
2021**

KATIANE BENEVIDES GONÇALVES

**A PRODUÇÃO DE CIDADE: Uma análise das transformações do
espaço urbano na Cidade de Andorinha-BA (1989-2020)**

Trabalho apresentado a Universidade Federal
do Vale do São Francisco – UNIVASF,
Campus Senhor do Bonfim, como requisito da
obtenção do título de Licenciada em
Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Átila de Menezes Lima

**SENHOR DO BONFIM, BA
2021**

Gonçalves, Katiane Benevides

G635p A produção de cidade: uma análise das transformações do espaço urbano na cidade de Andorinha-Ba (1989-2020) / Katiane Benevides Gonçalves. -- Senhor do Bonfim-Ba, 2021.

50 f.: il.; 29 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF, Campus Senhor do Bonfim-Ba, Senhor do Bonfim-Ba, 2021.

Orientador: Prof. Dr. Átila de Menezes Lima.

1. Geografia Histórica. 2. Andorinha-Ba - Transformações no espaço. - Estudo . 3. Geografia Urbana I. Lima, Átila de Menezes (Orient.) II. Título. III. Universidade Federal do Vale do São Francisco.

CDD 911

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Integrado de Biblioteca SIBI/UNIVASF

Bibliotecário: Fábio Santiago

CRB5/1785

UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

FOLHA DE APROVAÇÃO
Para TCC

KATIANE BENEVIDES GONÇALVES

A PRODUÇÃO DE CIDADE: Uma análise das transformações do
espaço urbano na Cidade de Andorinha-BA (1989-2020)

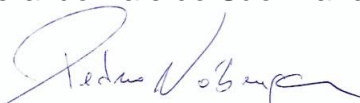
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Geografia, pela Universidade Federal do Vale do São Francisco.

Aprovado em: 30 de Abril de 2021.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Átila de Menezes Lima (orientador)
Universidade Federal do Vale do São Francisco/UNIVASF



Prof. Dr. Pedro Ricardo da Cunha Nóbrega
Universidade Federal do Vale do São Francisco/UNIVASF



Universidade Federal do Vale do São Francisco/UNIVASF

Prof. Dr. José Eduardo Ferraz Clemente

Dedicatória

A meu esposo e a nossa filha Helena que esperamos.

AGRADECIMENTOS

A Deus...

O SENHOR é a minha força e o meu escudo; nele confiou o meu coração, e fui socorrido; assim o meu coração salta de prazer, e com o meu canto o louvarei. Salmos 28:7

A meus pais (Alexandre e Silvana), irmãos (Paulo Henrique e Ana Yolanda) e esposo (Eldo), pela convivência, por terem acreditado e incentivado nos momentos difíceis e compreenderam a minha ausência enquanto eu me dedicava à realização deste trabalho.

A todo o restante da minha família que sempre estiveram na torcida e contribuindo direta e indiretamente pelas conquistas.

Aos amigos (Dayanne Nobre e Jakson), que sempre estiveram ao meu lado, pela amizade e pelo apoio demonstrado ao longo de todo o período.

A meu orientador Prof. Dr. Átila de Menezes Lima, por ter sido meu orientador e ter desempenhado tal função com dedicação e pela compreensão das dificuldades.

A todos os professores, pelos ensinamentos, pela ajuda e paciência com a qual guiaram o meu aprendizado ao longo do curso.

A Amélio Junior por a disponibilização dos seus registros fotográficos, Gerson que muito contribuiu com a sua gama de conhecimento, Vânia pelas correções e contribuições. A todos que participaram, direta ou indiretamente do desenvolvimento deste trabalho de pesquisa.

Aos meus colegas de curso, pelo companheirismo, ajuda e troca de experiência, os quais contribuíram para o meu crescimento não só profissional mais também como pessoa, em especial ao “grupo do vinho das quintas feiras” composto por amigos próximos os quais compartilharam comigo tantos momentos de descobertas e aprendizado e por todo o companheirismo ao longo deste percurso.

A instituição de ensino UNIVASF, essencial no meu processo de formação profissional.

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo estabelecer uma geografia histórica das transformações do espaço urbano da Cidade de Andorinha-BA de 1989 a 2020, localizada na região norte do Estado da Bahia-Brasil, tendo como enfoque as transformações do espaço urbano da cidade. Por muitos anos Andorinha conhecida historicamente como “Morro das Andorinhas”, esteve vinculada à cidade de Senhor do Bonfim. Em 1989 foi elevada à categoria de município com a denominação de Andorinha, desde então, as transformações e a espacialização da população da Cidade de Andorinha, têm modificado bastante o aspecto físico da mesma. Os instrumentos metodológicos utilizados na pesquisa se configuram em revisão bibliográfica a partir de autores que refletem sobre a importância da análise histórica para a ciência geográfica e a utilização de procedimentos analíticos históricos para a interpretação geográfica, além de documentos e bibliografias que tratam do tema em pauta.

Palavras – chave: Andorinha. Geografia Histórica. Transformações no espaço.

ABSTRACT

The present research aims to establish a historical geography of the transformations of the urban space of the City of Andorinha-BA from 1989 to 2020, located in the northern region of the State of Bahia-Brazil, focusing on the transformations of the urban space of the city. For many years Andorinha known historically as “Morro das Andorinhas” was linked to the city of Senhor do Bonfim, in 1989 it was elevated to the category of municipality with the denomination of Andorinha, since then, seeing the transformations and the spatialization of the population of the City of Swallow, has greatly modified its physical aspect. The methodological instruments used in the research are configured in a bibliographic review based on authors who reflect on the importance of historical analysis for science and the use of historical analytical procedures for geographic interpretation, in addition to documents and bibliographies that deal with the topic at hand.

Keywords: Swallow. Historical Geography. Transformations in space.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ANA	Agência Nacional das Águas
BA	Bahia
CETEM	Centro de Tecnologia Mineral
CPT	Comissão Pastoral da terra
DNOCS	Departamento Nacional de Obras Contra as Secas
EMBASA	Empresa Baiana de Águas e Saneamento
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IRPAA	Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada
PIB	Produto Interno Bruto
SEPLAN	Secretaria de Planejamento
SUDENE	Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste
TIPNI	Território de Identidade Piemonte Norte do Itapicuru

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Mapa do Brasil, com destaque para região nordeste (NE), para o estado da Bahia (BA), do município e pontos de coleta da área de estudo.....	12
Fotografia 1	Antiga igreja de Andorinha.....	25
Gráfico 1	Base econômica de Andorinha – BA.....	33
Fotografia 2	Capela.....	36
Fotografia 3	Antiga capela e Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.....	36
Fotografia 4	Feira livre.....	37
Fotografia 5	Construção da praça da feira.....	38
Fotografia 6	Tanque.....	38
Fotografia 7	Pegando água de balde.....	39
Fotografia 8	Rua do Tanque.....	41
Fotografia 9	Estrada que liga Andorinha ao Povoado de Caldeirão da Vaca.....	42
Fotografia 10	Estrada asfaltada.....	43
Fotografia 11	Praça da Igreja	43
Fotografia 12	Praça da Igreja.....	44
Fotografia 13	Escola Márcio Seno.....	44
Fotografia 14	Escola Noêmia Vitor.....	45
Fotografia 15	Praça João Alves Araújo no centro da cidade.....	45
Fotografia 16	Antiga Câmara Municipal.....	46
Fotografia 17	Câmara Municipal.....	47

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 GEOGRAFIA HISTÓRICA E UTILIZAÇÃO DE PROCEDIMENTOS ANALÍTICOS HISTÓRICOS PARA A INTERPRETAÇÃO GEOGRÁFICA.	16
2.1 UTILIZAÇÃO DE DOCUMENTOS HISTÓRICOS E DE FOTOGRAFIAS PARA A ANÁLISE GEOGRÁFICA	19
3 DA FAZENDA “GATO”, DA MORADA DOS PÁSSAROS À CIDADE DE ANDORINHA: AS BASES DA FORMAÇÃO SOCIOESPACIAL.	23
4 UMA GEOGRAFIA HISTÓRICA DAS TRANSFORMAÇÕES URBANAS DE ANDORINHA.....	29
5 TRANSFORMAÇÕES NO ESPAÇO DA CIDADE: REFLEXÕES DAS MODIFICAÇÃO NA PAISAGEM A PARTIR DE REGISTROS FOTOGRÁFICOS.	33
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS	49

1 INTRODUÇÃO

Ao debater sobre o conceito chave da geografia, Carlos (2017, p.9) assinala que “Lugar aonde se manifesta a vida, o espaço é condição, meio, e produto da realização da sociedade humana em toda sua multiplicidade”. Essa concepção é fundamental para nosso estudo da cidade de Andorinha-BA.

A cidade é palco das relações estabelecidas entre sociedade/natureza, é testemunha das mudanças no espaço, essas que foram, no passado, definitivas para a compreensão de suas formas e funções. Estudaremos o espaço urbano da cidade de Andorinha - Bahia, visando estabelecer a relação entre os processos e sujeitos para a compreensão das transformações históricas e socioespaciais dessa cidade no recorte temporal de 1989 a 2020. Conforme Santos (2002) apud Lima e Amora (2010) o espaço geográfico deve ser entendido como um acúmulo de tempos passados materializados no presente nas formas espaciais. Para Lima e Amora (2010; 2012), as formas espaciais vão além dos objetos materiais sendo incluídas as formas sociais, normas, relações contratuais. Segundo estes, esse proceder é fundamental para que não caiamos no fetiche das formas.

Sendo o espaço geográfico o acúmulo de tempos do passado no presente ou como explica Moraes (2002) que o território só explica com a história, para demonstrar a importância desta para a compreensão espacial, Lima e Amora (2010), assinalam que:

Neste contexto, o entendimento da história enquanto processo, se faz necessário, visto que muitos geógrafos quando se apropriam da dimensão temporal, para a explicação da realidade, o fazem de forma mecânica, como mera sucessão de fatos. Abreu (s/d), por sua vez assinala que em muitos estudos geográficos, sobretudo na corrente teórico-quantitativa, o tempo histórico é substituído pelo tempo enquanto sucessão. Entende-se que esta visão possa contribuir para uma análise distorcida do real, e mesmo ocasionar um grave problema teórico-metodológico para a ciência geográfica visto que se faz, assim, uma análise da realidade sem sujeitos, sem classes, e estes são fundantes para a compreensão do espaço geográfico. (LIMA e AMORA, 2010, p.7).

É a partir de tais entendimentos que buscamos compreender a historicidade da produção do espaço, estabelecendo uma geografia histórica da cidade de Andorinha-BA, recorte espacial do território nordestino, localizada a

aproximadamente 427 km de distância da capital Salvador. Complementando a localização, Andorinha está situada em uma região de serras mais precisamente no sopé da Chapada Diamantina fazendo parte dos nove municípios que compõem o Território de Identidade Piemonte Norte do Itapicuru (TIPNI), localizado na região norte do Estado da Bahia, no semiárido nordestino, região de Clima tropical com estação seca. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010) a mesma está localizada entre as Coordenadas Geográficas Latitude: - 10.3407 e Longitude: -39.8353 respectivamente 10° 20' 27" Sul e 39° 50' 7" Oeste (como pode ser visualizado na figura 01).

O número de habitantes com base no último censo (IBGE, 2010), era de 14.414 habitantes com estimativa de 14.503 para 2020. Destes, a população urbana era de 6.208, inferior a rural que era de 8.206, demonstrando que a maior parte da sua população se encontra na zona rural. O Produto Interno Bruto (PIB) per capita era de 12.299,08 com um percentual das receitas oriundas de fontes externas de 94,4%.

Figura 1 – Mapa do Brasil, com destaque para região nordeste (NE), para o estado da Bahia (BA), do município e pontos de coleta da área de estudo



Fonte: BONFIM, Marcia Cristiane Soares, 2018.

Na década de 1970 é descoberto minério de cromo nos solos do recorte espacial do que viria a ser o município de Andorinha (ainda vinculado a Senhor do Bonfim nos 1970) e conseqüentemente a implantação da antiga Mineração Vale do Jacurici atual FERBASA (CETEM, 2014), logo depois, na década de 1980 ocorre a emancipação política de Andorinha (SEPLAN, 2012), justificando-se assim, nosso

recorte temporal, que vai de 1989 a 2020, escolhido justamente por ser o intervalo de tempo entre a emancipação do município e a atual conjuntura. Vale destacar que, no Brasil na conjuntura da década de 1970 vivíamos o regime militar com uma lógica desenvolvimentista e no caso do nordeste brasileiro tínhamos a intervenção das políticas de industrialização da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE). Já na década de 1980 estávamos no fim da ditadura militar e conseqüentemente vivíamos o processo de “redemocratização”. O fato da delimitação histórica não nos impede de fazermos digressões históricas maiores que ocorreram antes da criação do município, onde destacamos o fato de que, em 1973, foi implantada a mineradora FERBASA e em 1885, a família de João Alves considerado por parte da historiografia oficial um dos primeiros habitantes do lugar chegou e fez morada na Fazenda Gato, como era conhecida na época e tida como o local de gênese do processo de ocupação inicial do que viria a ser Andorinha (Cia AND’ART, 2012). Já o recorte espacial da pesquisa vai ser a área urbana da cidade de Andorinha.

Este município tem no início de sua história uma configuração territorial agregada ao município de Senhor do Bonfim-BA (Cia AND’ART, 2012). A partir de 1885, com a instalação da família de João Alves, dá seus primeiros passos enquanto povoamento e desde então passando a ser modificado, desenhado pelas ações sociais até tomar a forma atual. Tal assertiva não exclui dizer que os indígenas tenham sido os primeiros habitantes do local, visto que estes eram presentes na configuração territorial do que hoje conhecemos por Senhor do Bonfim, porém essa afirmativa necessita de estudos específicos o que não era o objeto de nosso estudo. Além disso, a dificuldade e mesmo falta de materiais na cidade que embasasse os dados com relação a números e quais tribos existiam, a impossibilidade de fazer pesquisas no Instituto Histórico e Geográfico (IHG) e em outros lugares mediante a conjuntura da pandemia do covid-19 não foi possível fazer uma pesquisa aprofundada e reflexões acerca dessa temática.

A ideia de estudar as transformações no espaço urbano da cidade partiu da curiosidade em conhecer melhor as particularidades e complexidades das relações socioespaciais na história local da mesma e a vontade de mantê-la viva e acessível às futuras gerações, por constituir-se importante ao proporcionar a futuros leitores material didático que quando disponibilizado poderá contribuir com a comunidade e o poder público municipal para manter a cultura e a história local, pois a cidade é

carente de material escrito sobre seu processo de estruturação urbana. Diante disso, este estudo tem enquanto relevância acadêmica e social, o intuito de produzir material para servir de base para outros estudos. Sendo assim, buscamos colaborar para que a história territorial de Andorinha continue viva “A geografia histórica pretende retratar o passado, mas ela o faz assentada no presente, isto é, a partir do momento em que é escrita” (SANTOS, 2006, p.31).

Nessa perspectiva, levantam-se questionamentos que irão conduzir a realização do presente estudo, sendo eles: Como se deu as transformações no espaço urbano de Andorinha ao longo da história? Quais os empreendimentos fixos no espaço e no tempo que evidenciam essas transformações? Quais os sujeitos envolvidos nesse processo?

Diante desta realidade, em busca de esclarecer os questionamentos levantados, o presente trabalho buscou estabelecer uma geografia histórica das transformações do espaço urbano da Cidade de Andorinha-BA, compreender os processos de produção do espaço urbano e entender como se deram as transformações neste, identificando os sujeitos e atores envolvidos e fazendo uma reflexão sobre os processos socioespaciais no passado e no presente, através de análise documental e fotográfica.

O procedimento analítico utilizado no processo de estruturação do trabalho foi o qualitativo, em que, a partir da história pôde-se fazer a análise geográfica do espaço urbano da cidade de Andorinha, tratando das relações estabelecidas entre sociedade-natureza ao longo do processo histórico.

Para caracterização do espaço físico da cidade de Andorinha foi feita pesquisa de campo para análise do espaço e documentação fotográfica, em que foram realizadas observações diretas com a finalidade de identificar as características que evidenciam a modificação do espaço no tempo histórico. Utilizou-se a fotografia como fonte histórica importante na análise do espaço, pois, ela é a representação “eternizada” dos eventos e formas espaciais no decorrer do tempo, ou seja, é nos registros fotográficos que encontramos evidências de acontecimentos que explicam o espaço estudado atualmente.

Foi feita uma busca de documentos sobre o tema em pauta, a fim de levantar fontes seguras para embasamento teórico a cerca da produção do espaço através de suas diversidades, sendo estes, materiais disponibilizados pelo orientador, registros fotográficos do passado disponibilizados por Amélio Junior que é filho de

Andorinha e referências encontradas em *sites* diversos, os quais destacamos, o Plano territorial de desenvolvimento sustentável do território de identidade Piemonte Norte do Itapicuru elaborado pela Secretaria de Planejamento (SEPLAN), referências sobre a história de Andorinha no site da CIA AND'ART - CULTURA DE ANDORINHA, informações acerca da exploração de minério em Andorinha contidas no site do Centro de Tecnologia Mineral (CETEM), dados estatísticos (séries econômicas e populacionais) encontrados no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e informações sobre abastecimento de água no Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (IRPAA). Por fim, foi feita a leitura e análise de todo material citado acima os quais foram de fundamental importância na construção do conhecimento e formulação das propostas que fundamentaram o resultado deste trabalho.

O trabalho está estruturado em seis capítulos: o primeiro é esta introdução, o segundo fazemos reflexões gerais sobre a geografia histórica e utilização de procedimentos analíticos históricos para a interpretação geográfica. No terceiro, debateremos sobre as bases da formação socioespacial da cidade de Andorinha desde o período que era vinculada à cidade de Senhor do Bonfim até o ano da pesquisa. No quarto, buscamos abordar uma geografia histórica das transformações urbanas de Andorinha, enfocando na contribuição dos agentes sociais produtores da cidade. No quinto capítulo, apresentamos as transformações no espaço da cidade a partir de registros fotográficos antigos e atuais. Por fim, o sexto capítulo é composto pelas considerações finais, em que apresentamos as nossas principais conclusões a que chegamos com este estudo.

2 GEOGRAFIA HISTÓRICA E UTILIZAÇÃO DE PROCEDIMENTOS ANALÍTICOS HISTÓRICOS PARA A INTERPRETAÇÃO GEOGRÁFICA.

Esse capítulo dedica-se a reflexões gerais sobre a perspectiva da geografia histórica e de procedimentos analíticos da história para a realização de nosso trabalho de investigação.

Segundo Pires (2008) apud Lima e Amora (2012), a geografia histórica foi fundada por Auguste Longnon. Ela é a união do estudo histórico com o geográfico, um ramo que se preocupa com a reconstrução de paisagens geográficas passadas para alcançar o objetivo, que é a compreensão do modo como se apresenta atualmente determinado recorte espacial, ou seja, focando na relação espaço/tempo, a qual é fundamental para o entendimento do objeto de estudo. Em artigo intitulado “*Debates acerca da geografia histórica e da geo-história: elementos para análise espaço-temporal*”, Lima e Amora (2012) trazem um bom apanhado e revisão bibliográfica sobre o debate das origens, do que é a geografia histórica, sua diferença para a geo-história e suas contribuições para a pesquisa geográfica no que concernem as formações territoriais, a produção histórica do espaço geográfico, as contribuições teórico-metodológicas, etc.

Segundo Lima e Amora (2012):

A análise que integra a perspectiva de interpretação geográfica apoiada na História vem ganhando muitos adeptos na Geografia. Podemos ressaltar autores importantes em escala internacional como Harvey (2005) e sua perspectiva da Geografia Histórica da espacialização desigual do capitalismo, o estudo realizado por Ferro (1986) sobre os temas e problemas da Geografia histórica, o estudo de Perla Zusman (1996) sobre as Sociedades geográficas na promoção dos saberes nos territórios do Brasil e da Argentina, dentre outros. Na Geografia brasileira destacamos alguns estudiosos como Santos (2002), Maurício de Abreu (1998; 2003) – e sua vasta obra elaborada -, Vasconcelos (1999) - com suas questões metodológicas na Geografia urbana histórica -, Moraes (1989; 2000; 2008), dentre uma infinidade de outros estudiosos. (LIMA e AMORA, 2012, p.52).

E assim continuam as reflexões:

A obra destes autores é de valia incomensurável, visto que permite a compreensão do espaço como o acúmulo de tempos e, sobretudo, traz contribuições metodológicas de apreendermos o território em

sua historicidade com destaque a análise de fontes documentais primárias, da utilização da história oral etc. Isto nos proporciona a possibilidade de entender as mediações e os processos, identificar os sujeitos históricos da produção do espaço no passado e compreender como estes ainda influenciam no espaço do presente. Nesse sentido, traçamos um breve debate teórico-conceitual acerca das geografias do passado, ressaltando a possibilidade de utilização da História enquanto método e processo para a análise e interpretação geográfica. (LIMA e AMORA, 2012, p.52).

No concernente aos estudos do urbano, segundo Abreu (2003), citado por Lima e Amora (2012, p. 60):

[...] No que diz respeito às formas, já sabemos que devemos considerar as cidades como acumulações de tempo. Mas isso não basta. É preciso também que reconheçamos que os processos sociais que ocorrem no presente das cidades, e que dão sentido às formas que ali estão, precisam – eles também – ser inseridos em múltiplas escalas temporais. Se o tempo do evento, do acontecimento, do imediato, é aquele que mais nos chama a atenção, por estar mais próximo de nós, por se materializar em paisagens e representações que são rapidamente captadas pelos nossos sentidos, por alterar a nossa vida quotidiana, ele só adquire significado maior se o inserirmos em tempos mais espessos, tempos braudelianos, tempos da conjuntura e da longa duração. E estes, por sua vez, só podem ser corretamente compreendidos quando relacionados com as escalas espaciais. Isto por que o que nos interessa é o tempo social, e este só faz sentido quando relacionado ao espaço. Fecha-se, pois, o círculo.

A afirmação de Abreu (2003) torna perceptível a importância da relação espaço/tempo sem fazer apenas a leitura do presente, do que está ao alcance dos olhos.

No decorrer da escrita buscamos trazer para a discussão algumas formas de análise geográfica pautadas na geografia histórica, pois facilitou a compreensão da formação atual a partir de paisagens do passado representadas em fotografias e formas espaciais (Câmara Municipal de Andorinha, igrejas, praças e escolas), assim como os processos e atores envolvidos na produção do espaço no passado e presente. Apesar de entender que a paisagem está em movimento o intuito da utilização dela é enquanto instrumento metodológico comparativo apesar do debate conceitual da geografia, visto que, o foco do trabalho é o debate da produção do espaço. Todavia, segundo Lima e Amora (2012), a utilização dessa perspectiva de compreensão exigiu atenção e bastante leitura, afim de que, fosse feita a correlação entre história e espaço e não somente a reconstituição da história.

Neste contexto, para construção do trabalho, se fez necessário, seguir os procedimentos sugeridos por Vasconceles (1999), a fim de que, garantisse a devida utilização da história enquanto processo na compreensão do espaço geográfico:

1) Estabelecer uma periodização das longas durações, examinando as continuidades e as grandes rupturas, de acordo com os eventos históricos de maior importância para a cidade em exame; 2) examinar o contexto de cada período em análise, buscando retirar das fontes primárias e secundárias disponíveis, o que ocorreu de mais importante para a cidade, e que aspectos nas diferentes escalas (internacional, nacional, regional, local), podem ter causado impacto direto e indireto na cidade. Devem ser considerados os ciclos econômicos (como o de Kondratiev) e examinadas as questões relevantes de ordem ideológica, política, econômica, social, cultural, espacial etc.; 3) Examinar os agentes mais importantes, externos e locais, que contribuíram para modelar a cidade, como o Estado, a igreja, os Agentes Econômicos, os diferentes estratos da população etc., com papéis e pesos diferenciados segundo o período em exame; 4) Finalmente, e mais importante para nós, examinar o desenvolvimento espacial da cidade em cada período, tomando como referência, principal a cartografia original (e a iconografia existente), mas complementada pelas informações escritas (inclusive as estatísticas), e de preferência fontes de fontes primárias. A partir de um certo nível de crescimento da cidade, as partes da mesma poderão ser examinadas individualmente, segundo os vetores principais de expansão. (VASCONCELES, 1999, p.199, apud LIMA e AMORA, 2012, p. 58).

Visto isso, para melhor compreensão do espaço geográfico de Andorinha foi determinado um recorte temporal curto, o qual se inicia em 1989 e vai até 2020, ou seja, um estudo temporal de 30 anos, assegurados em recordações concretizadas nas imagens e formas espaciais acumuladas no tempo Santos (2002).

Para embasamento teórico e metodológico do trabalho, foi necessário, uma revisão bibliográfica com leituras sobre o método e sobre o objeto estudado, destacando-se, alguns estudiosos como: Bertrand (2004), que debate sobre o conceito de paisagem; Carlos (2007; 2017) e Corrêa (1995), que abordam questões acerca do espaço; Tres (2011), traz para a discussão a relação homem-natureza; Dubois (1994) e Kossoy (2001), discutem sobre a fotografia; Harvey (2005), aborda a produção capitalista do espaço; Jurado Da Silva (2011), debate sobre os interesses que circundam as cidades pequenas e a indústria; Lefebvre (2011), discute sobre a cidade, o urbano e a urbanização da sociedade; Lima e Amora (2012), debatem acerca da geografia histórica e da geo-história; Machado (2010)

traz um histórico de Senhor do Bonfim; Massimi (1984), que discute sobre a utilização do documento enquanto procedimento analítico; Monteiro (2019), discute sobre os conflitos por água no território e aponta questões muito importantes a nossas análises; Pires(2008), traz reflexões sobre a contribuição da geografia histórica e da geo-história na renovação dos pensamentos geográfico e histórico no século XX; Santos (1997; 2002; 2006), debate sobre o espaço e suas particularidades e Vasconceles (1999), que aponta quais os procedimentos a serem seguidos ao utilizarmos a história enquanto processo, leituras essas que contribuíram com a construção do conhecimento, acerca da relação da ciência geográfica com a história, na busca por desvendar os processos e sujeitos envolvidos na estruturação do espaço no passado e presente.

Após o levantamento de bibliografias e dos documentos, foram feitas visitas à campo, em que, foi possível através das formas espaciais que ainda permanecem no presente, fazer análises do espaço. Foram feitos registros fotográficos de algumas estruturas importantes que carregam em si elementos fundamentais às interpretações, o que possibilitou o estudo da realidade de Andorinha. Dentre os locais que foram visitados destacamos: a praça de eventos, igreja, local da feira, rua do tanque, escolas e câmara municipal.

2.1 UTILIZAÇÃO DE DOCUMENTOS HISTÓRICOS E DE FOTOGRAFIAS PARA A ANÁLISE GEOGRÁFICA

Estudos que tem como base documentos tanto de fonte primária (pesquisas historiográficas), que é uma fonte original da informação quanto de fonte secundária (revisões bibliográficas), que é composta por avaliações da informação original, devem ser interpretados de acordo com os objetivos propostos. No processo de articulação do presente com o passado, o pesquisador não pode ser um mero relator de acontecimentos históricos (LIMA e AMORA, 2010), o que certamente o levará a uma interpretação errônea, distorcida da realidade.

Massimi (1984, p.21-) aponta que:

O documento representa já uma interpretação de fatos reais elaborada por seu autor e, portanto, não deve ser encarado como uma descrição objetiva e neutra dos fatos. Por outro lado, o valor heurístico e a significação do documento dependem também da acuidade da leitura e do esforço interpretativo do historiador. Este

sabe extrair de uma fonte de informações algum conhecimento útil para a compreensão de um aspecto da história humana, sob o ângulo que corresponde ao seu objeto de interesse.

A análise e interpretação de documentos históricos foi uma etapa de extrema importância na realização do estudo. Entre os dados e documentos históricos encontrados em sites eletrônicos, destaca-se aqueles que abordam desde aspectos da formação do município e de sua emancipação política até informações estatísticas, como Centro de Tecnologia Mineral - CETEM (2014); Cia AND'ART (2012); IBGE (2010 e 2019); Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada - IRPAA (2014) e Secretaria de Planejamento – SEPLAN (2012), documentos que contém informações relevantes ao estudo, as quais, possibilitam a compreensão das ações dos agentes, que contribuíram para moldar a cidade, a exemplo do Estado, igreja, proprietários fundiários, promotores imobiliários e a população.

Dando continuidade aos procedimentos utilizados na pesquisa, a fotografia foi muito importante enquanto fonte histórica. Assim, utilizamos neste estudo, fotografias antigas e recentes que foram de fundamental importância na tentativa de interpretação do espaço e das relações estabelecidas em Andorinha no passado e que contribuíram para o entendimento da produção e transformações no espaço urbano daquele município. Segundo Lima e Amora (2010, p.9) (...) “As fotografias têm papel importante na captura de imagens do real, que podem ficar guardadas e cristalizadas por muito tempo. Dependendo do olhar que se lance sobre a fotografia, muitas informações podem ser reveladas ou mascaradas”. Assim existe um debate ideológico também na fotografia. Está articulada ao debate da paisagem pode nos auxiliar na compreensão de alguns processos sociais que se manifestam no espaço no passado e no presente. Assim a paisagem enquanto conceito geográfico pode também ser utilizado como procedimento metodológico comparativo para entender as transformações no espaço.

Conforme Bertrand (2004), o conceito de paisagem se deu com o desenvolvimento da ciência, surgindo na transição do século XVIII para o século XIX. A paisagem se caracteriza pela reunião de objetos do passado e do presente organizados entre si. As paisagens vão sendo criadas, através da modificação, acréscimos, realocação, ou até mesmo a extinção de elementos, modificando assim as funções das formas já existentes. A paisagem é a materialidade de um lugar, é

onde se encontram as pessoas e suas relações sociais, sejam aquelas realizadas no passado, ou aquelas realizadas no presente.

Bertrand (2004, p.141) enfatiza que:

A paisagem não é a simples adição de elementos geográficos disparatados. É, em uma determinada porção do espaço, o resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução.

Percebemos que a análise geográfica a partir do conceito de paisagem, se dá pela compreensão dos processos dinâmicos de constituição e reconstituição da mesma, em que na paisagem estão materializados elementos sobre os quais podemos melhor compreender o espaço geográfico.

Santos (1997) concebe paisagem como algo concreto, materializado no espaço, assim torna-se necessário dar uma volta nos acontecimentos passados que marcaram a sua trajetória, para então compreender os fatores determinantes da configuração atual do objeto de estudo. Apoiamo-nos em Lima e Amora (2012, p. 55) quando afirmam que: [...] “devemos ter em mente, que a relação espaço-tempo é fundamental para entender a realidade e qualquer que seja o objeto de estudo” [...].

A fotografia aparece como um elemento capaz de auxiliar na compreensão de um momento da paisagem, a qual em sua essência é um instrumento, e assumiram papel muito importante nesse estudo, pois nelas encontramos características, que são compreendidas através da linguagem visual. Desta forma, utilizamos fotografias antigas e recentes que foram fundamentais na tentativa de reconstituição do espaço e das relações que foram estabelecidas em Andorinha no passado e que contribuíram para o entendimento das transformações no espaço daquela cidade.

Porém, ao utilizar a fotografia enquanto auxiliar da geografia histórica deve-se ater a alguns cuidados, visto que como ressalta Dubois (1994, p. 50), ela é a fixação no momento do processo fotográfico, ela não representa o antes e depois do espaço geográfico por escolhas culturais que se referem às decisões quanto ao enquadramento, o tempo de exposição, a revelação, a tiragem, etc. “A foto é levada a funcionar como testemunho: atesta a existência (mas não o sentido) de uma realidade”.

Segundo Dubois (1994, p. 73), “a imagem fotográfica é a impressão física de um referente único, isso quer dizer, por outro lado, que no momento o qual nos encontramos diante de uma fotografia, está só pode remeter a existência do objeto do qual procede”, portanto tal objeto, apenas mostra. Assim, quando olhamos uma fotografia, entendemos que algo existiu em um determinado tempo e espaço, mas não sabemos o significado dessa existência, o porquê existiu, ou o que quer dizer, ou seja, depende muito do olhar de quem está a observar, pois a “verdade” pode ser inventada de acordo com os interesses de quem a utiliza, apesar de ela existir em si.

Diante do exposto, devemos tomar cuidado com uma análise simplista das imagens fotográficas, somente pela apreensão de seu visível. Para Santos (1988b) a geografia não se limita à descrição da materialidade ou à simples determinação do visível por meio da crença absoluta sem questionamentos sobre o que se vê. Para a compreensão do espaço geográfico exige-se que se leve em consideração a totalidade, ou seja, a explicação do que não é visível, pois vários fatores do espaço não são apreendidos imediatamente somente com a observação da paisagem.

As fotografias antigas e recente juntamente com outras fontes colecionadas, nos permitem contar a história de um povoado sem estrutura e sem muitas expectativas e isso é provado ao passo em que compararmos as imagens capturadas no passado com as atuais. Notamos a partir das fotografias, elementos que permanecem, outros que foram modificados e realocados e até mesmo que não existem mais. Podemos assim fazer a reconstituição do espaço, de momentos da paisagem e das relações que são estabelecidas em Andorinha no passado e que contribuíram para o entendimento das transformações no espaço daquele município.

3 DA FAZENDA “GATO”, DA MORADA DOS PÁSSAROS À CIDADE DE ANDORINHA: AS BASES DA FORMAÇÃO SOCIOESPACIAL.

A produção do espaço geográfico é uma construção resultado das relações sociedade/natureza em sua historicidade, uma vez que, a configuração atual é resultado das atuações da sociedade ao longo do tempo. As aglomerações formam a cidade e ela se dá em função da necessidade que o ser humano tem de produção e reprodução de suas vidas no cotidiano. Como podemos observar na afirmação de Lefebvre (2011, p.52), “a cidade é a obra de uma história, isto é, de pessoas e de grupos bem determinados que realizam essa obra nas condições históricas”.

A história de Andorinha não é diferente, anterior ao ano de 1989, era distrito de Senhor do Bonfim. Esta está localizada a 43 km da nova cidade, no centro norte da Bahia, tem uma população estimada para 2019 de 79.015 habitantes segundo dados do IBGE (2019). Senhor do Bonfim foi formada a partir de tropeiros que se instalaram no local, pois a mesma era passagem dessas pessoas que participavam de expedições em busca de ouro e a criação de gado. Visto isso, a sua economia está pautada na extração de minério, agropecuária, agricultura familiar e o comércio.

Segundo Machado (2010, s-n):

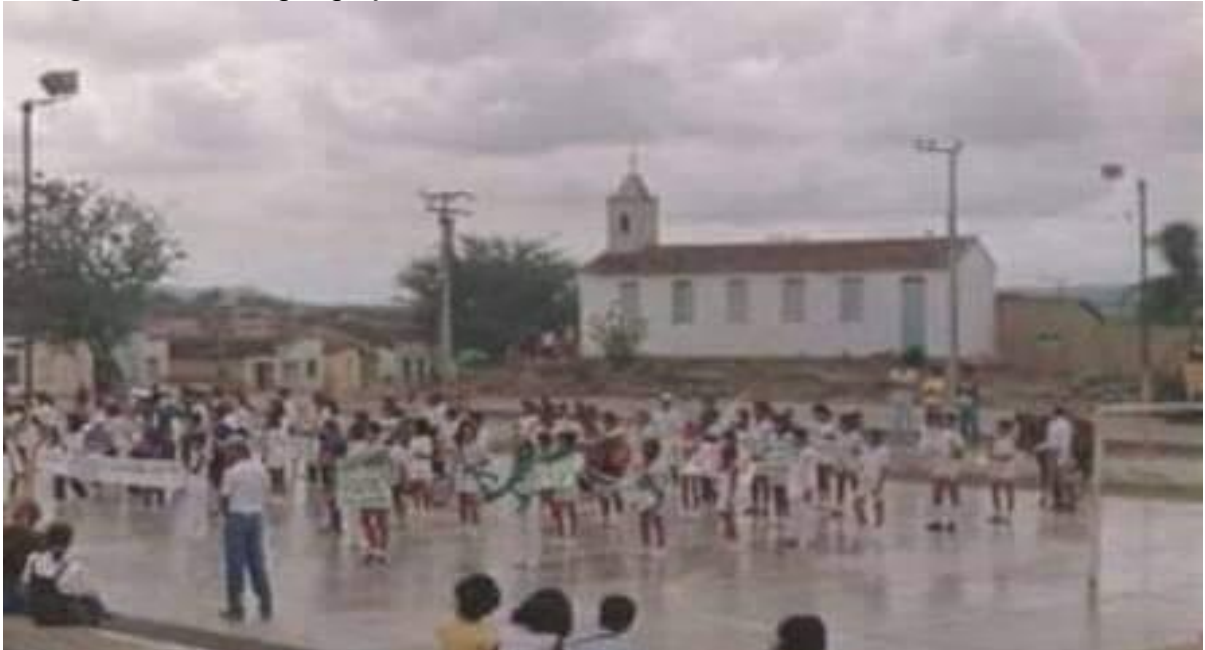
Do ponto de vista histórico, ainda no final do século XVII, Senhor do Bonfim era uma simples rancharia de tropeiros, localizada à margem de uma lagoa. Os únicos habitantes eram os índios Kiriris. O povoamento foi iniciado com os portugueses, que seguiam a rota das bandeiras em direção às margens do rio São Francisco ou às minas de ouro de Jacobina. As terras férteis, a lagoa e o clima agradável eram o ideal para quem estava à procura de repouso. Os que levavam gado, ali faziam currais. Em torno de uma lagoa, muitos acabaram ficando. De ponto obrigatório de passagem, surgia um centro comercial e agrícola. Depois de construídas as primeiras habitações, em 1750 já se formava na área uma localidade considerável. O povoado foi, então, denominado de Arraial do Senhor do Bonfim da Tapera. Em 1797, de acordo com Adolpho Silva, em sua obra “Bonfim terra do bom começo”, já existiam no arraial 600 habitantes. A distância da então sede da comarca, Jacobina, fez com que fosse elevado à categoria de Vila, pela Carta Régia de 1 de julho de 1797. O nome passava a ser Vila Nova da Rainha. Em 28 de maio de 1885, a vila foi elevada à categoria de cidade, a cidade do Senhor do Bonfim, depois simplificada para cidade e sede do município de Bonfim, que ainda era constituído do distrito de Jaguarari. Em dezembro de 1943, o município e a cidade tiveram definitivamente o nome alterado para Senhor do Bonfim.

Anterior ao ano de 1989 Andorinha era dependente de Senhor do Bonfim, e em algumas questões ainda continua, pois apesar de Andorinha atualmente ser independente politicamente, pessoas precisam se deslocar até Senhor do Bonfim para resolver questões de saúde, ir a agência bancária, INSS, fórum, entre outras questões.

Andorinha é local conhecido como “Morro das Andorinhas”, geralmente nos fins das tardes, servia de pouso para andorinhas, pássaro comum na região, o que explica o nome dado à cidade. Conforme Cia AND’ART (2012), os primeiros habitantes a dar origem ao recorte espacial em estudo foi à família de João Alves de Araújo (faleceu em 1941), em 1885 o qual comprou a fazenda e a nomeou como fazenda gato, de onde surge o apelido do senhor de João do Gato. No decorrer do tempo esse recorte espacial vai passando por modificações e influências para sua conformação territorial.

A religião teve papel fundamental no povoamento de Andorinha, pois de acordo com o grupo Cia AND’ART (2012) João do Gato por ser um homem muito religioso trouxe o Vigário Tolentino da Paróquia de Senhor do Bonfim para celebrar missas em sua residência, e a partir dessa iniciativa, em 1919, foi construída a primeira capela naquele recorte espacial (não existe mais), a qual, começou a ser morada das andorinhas que antes ficavam no morro em frente a capela, o que explica a origem do nome da Fazenda Gato passar a ser Andorinha. Após a construção da Capela do Sagrado Coração de Jesus as pessoas começaram a construir suas residências em torno da capela como podemos observar no registro fotográfico abaixo, evidenciando que aos poucos o território foi sendo delineado. O que nos primórdios era apenas uma fazenda, posteriormente viria a ser vila, distrito e então elevada à categoria de cidade.

Fotografia 01 - Antiga Igreja de Andorinha



Fonte: Junior, Amélio – 1992.

Com relação à trajetória até Andorinha ser elevada à categoria de município, podemos extrair do documento da Seplan (2012, p. 26) a seguinte informação:

Em 1955, Andorinha foi elevada a categoria de Vila, através do decreto nº 16291. Depois deste ato, Distrito criado com a denominação de Andorinhas (ex - povoado), pela lei estadual nº 628, de 30 de dezembro de 1953, com terras desmembradas do distrito de Carrapichel, subordinado ao município de Senhor do Bonfim. Em divisão territorial datada de 01 de julho de 1960, o distrito de Andorinha, figura no município de Senhor do Bonfim; assim permanecendo a divisão territorial datada de 1988. Este foi elevado à categoria de município com a denominação de Andorinha, pela lei estadual nº 5026, 13 de junho de 1989, desligando-se da condição de distrito de Senhor do Bonfim.

Fazendo uma leitura da citação pudemos extrair a seguinte informação: as terras de Andorinha pertenciam a Carrapichel, subordinado ao município de Senhor do Bonfim. Em 1955, Andorinha é desvinculada de Carrapichel e se torna distrito de Senhor do Bonfim, após 34 anos de sua elevação a categoria de Vila, Andorinha é emancipada politicamente rompendo o vínculo político com Senhor do Bonfim. Assim é possível inferir que, Andorinha apesar de já existir anterior a sua emancipação política só terá sua datação enquanto cidade a partir da realização da mesma.

Segundo Santos (2006, p. 35):

A materialidade artificial pode ser datada, exatamente, por intermédio das técnicas: técnicas da produção, do transporte, da comunicação, do dinheiro, do controle, da política e, também, técnicas da sociabilidade e da subjetividade. As técnicas são um fenômeno histórico. Por isso, é possível identificar o momento de sua origem. Essa datação é tanto possível à escala de um lugar, quanto a escala do mundo.

Antes da implantação da empresa de exploração de minério (FERBASA), Andorinha tinha a atividade rural como a sua principal fonte econômica, por estar situada em uma área de caatinga propícia ao uso coletivo das suas terras “fundo de pasto” para criação de bovinos, caprinos e ovinos. Vale ressaltar que apesar de atualmente o município possuir outros agentes econômicos ainda tem parte de sua economia pautada na agropecuária.

Baseado no documento elaborado pela Seplan (2012, p. 32):

Maior parte das áreas que compõem o Território, se caracteriza pela prática do uso individual da terra onde 90 % são minifúndios sob-responsabilidade de agricultores familiares, ocorrendo também o uso coletivo de terras para pastejo do gado caprino, ovino e bovino, chamadas de “Fundo de Pasto” nas áreas de caatinga dos municípios de Andorinha, Campo Formoso e Jaguarari.

No ano de 1970, com a descoberta do minério de cromo nos solos do município, a economia ganha outro fator importante, o que impulsionou o “desenvolvimento econômico” daquele lugar e que a nosso ver teve peso fundamental para transformações que culminariam na emancipação política e criação da cidade. Em 1973, foi implantado a antiga Mineração Vale do Jacurici atual FERBASA, com o método de lavra a céu aberto (CETEM, 2014). Com o início da produção e comercialização do minério Andorinha ganha um novo cenário, pois houve a expansão e desenvolvimento nas relações urbano-rurais a qual penetra no campo de forma a modificar toda a lógica de produção e reprodução do espaço, sendo a relação campo/cidade de mãe e filho a qual à uma dependência notória, sendo a cidade o centro da comercialização e das relações.

O processo de urbanização de Andorinha se deu concomitantemente com a necessidade que o capital tem de produção e reprodução juntamente com as ações

do poder público, desempenhando assim o seu papel enquanto agente produtor do espaço.

Jurado Da Silva (2011, p. 48), aponta que:

Os municípios e as cidades surgem, em alguns casos, para salvaguardar os interesses políticos e eleitorais de certas elites locais do que propriamente pelo horizonte de sua real significação e importância social. Isso favorece, na mesma medida, a especulação do solo, a reprodução do espaço e a manutenção do poder nas mãos de poucos.

Não diferente de tais pressupostos, temos o caso de Andorinha que tem seu processo de fundação ligado a questões de interesses políticos e a atividades extrativistas. Ainda sobre a criação da pequena cidade o autor afirma que:

Como produto, a cidade apresenta um caráter econômico e, por sua vez, sua existência vincula-se a um quadro bastante complexo das relações entre os agentes sociais que a produzem, dinamizando a lógica de valorização/desvalorização e especulação do solo. Por isso, as cidades, nas suas diferentes escalas, são variadas e os papéis que elas assumem são diversos (JURADO DA SILVA, 2011, p. 63).

A chegada da empresa de mineração FERBASA trouxe com ela impactos de caráter positivo e negativo. Como assinala Santos (1997; 2006) os fixos atraem fluxos e são diretamente ligados a produção do espaço. Positivamente, porque o sucesso de um empreendimento de grande porte como este, garante o aumento na oferta de empregos, dinamiza o comércio, atrai investimentos e conseqüentemente aumenta a arrecadação de impostos. Contraditoriamente, as atividades mineradoras são degradadoras do ambiente e em sua quase totalidade entram em choque com os interesses de comunidades tradicionais. Enfim, qual a relação que podemos estabelecer entre a chegada da empresa de minério e a emancipação política de Andorinha? A cidade é criada em 1989 a mais de 104 anos da chegada da família de João do Gato e somente dezesseis anos após a implantação da mineradora, ou seja, a sua criação está atrelada a interesses por parte do Estado, visto que, com a separação das terras os impostos arrecadados voltaram para Andorinha e não mais destinados à cidade de Senhor do Bonfim. Assim como, a injeção de capital na cidade, outro viés é o da questão política já que com a emancipação o grupo populacional atingido pelos governantes será mais específico, e um outro

interessado é o empreendimento privado que de forma direta ou indireta a empresa de minério também foi e é beneficiada pela infraestrutura que a cidade dispõe, o que não existia quando ela ainda era apenas um distrito, como veremos nos próximos capítulos.

Como assinalamos anteriormente a implantação de um empreendimento privado gera além dos impactos positivos os negativos, e com a chegada da mina em Andorinha não foi diferente, foram muitos os impactos ambientais e sociais causados conforme demonstraremos no capítulo seguinte.

4 UMA GEOGRAFIA HISTÓRICA DAS TRANSFORMAÇÕES URBANAS DE ANDORINHA

Neste capítulo buscamos entender em profundidade como se deram as transformações do espaço urbano de Andorinha, utilizamos da análise de um momento da paisagem, pois é nela que encontramos elementos importantes para a análise geográfica.

A cidade é formada pela ação dos agentes sociais interessados no benefício que o espaço em que a cidade está inserida pode proporcionar, para que os mesmos possam obter lucratividade. Para Corrêa (1995), podem-se considerar como agentes sociais produtores do espaço urbano: os proprietários dos meios de produção, sobretudo os grandes industriais, os proprietários fundiários, os promotores imobiliários, o Estado e os grupos sociais excluídos. A cidade é palco da reprodução capitalista, pois é nela que se encontram as pessoas, as quais são além de consumidoras, a mão de obra.

É nesse contexto que surge a questão, qual seria o interesse de investir na estrutura da cidade de Andorinha, um pequeno aglomerado no interior? As ações dos agentes sociais produtores do espaço vão na lógica do interesse exclusivamente econômico para enriquecimento próprio através da exploração dos recursos naturais.

É importante enfatizar que nenhuma ação produtora de espaço acontece sem que tenha uma lógica, no caso específico do antigo distrito o desejo pela separação das terras surge a partir da necessidade de melhorias nos serviços básicos necessários ao bem-estar da sociedade a partir da arrecadação de tributos que em tese suprirão essas necessidades.

Desta forma, nos anos que sucedem a origem, Andorinha é palco das intervenções sociais. As ações realizadas pelo governo juntamente com a de agentes de empreendimento privado, sem negar a participação da sociedade civil, modificaram de forma radical a paisagem da área urbana da cidade.

Corrêa (1995, p.7) afirma que:

O conjunto dos usos da terra justapostos entre si definem áreas, como o centro da cidade, local de concentração de atividades comerciais, de serviços e de gestão, áreas industriais, áreas

residenciais distintas em termos de forma e conteúdo social, de lazer, e entre outras aquelas reservadas a futura expansão. Este complexo conjunto de usos da terra é, em realidade, a organização espacial da cidade, ou simplesmente, o espaço urbano, que aparece assim como espaço fragmentado.

Percebemos a presença do Estado em ações como, a construção de estradas, saneamento básico, coleta de lixo, calçamento das ruas, construção de escolas, praças, reservatórios de água e postos de saúde, essas que são bastante consideráveis na compreensão da atual configuração da cidade.

Embora localizada fora do núcleo urbano da cidade a chegada da mineradora em 1970 teve papel importante no “desenvolvimento econômico” da cidade, pois para seu funcionamento foi necessário estrutura física bem como mão de obra, tendo como consequência desse processo em muitos casos a implosão – explosão (LEFEBVRE, 2011) da cidade, através da vinda de pessoas em busca de emprego, as quais vão se aglomerando e formando os bairros. É válido lembrar que na conjuntura da década de 1970 vivíamos o regime militar com uma lógica desenvolvimentista e no caso do nordeste brasileiro tínhamos a intervenção das políticas de industrialização da SUDENE. Os incentivos fiscais da SUDENE proporcionaram a transferência de plantas industriais do sudeste para o nordeste e o desenvolver de setores tradicionais como mineração, indústrias têxteis, confecções, metais etc., podendo a prospecção mineral em Andorinha ter influências desses processos no contexto econômico regional.

Andorinha preexistia à chegada da FERBASA, sobrevivia com o desenvolvimento de atividades agropecuárias o que ainda perdura, porém, com a implantação da empresa possibilitou o desenvolvimento da cidade a qual tomou nova forma, tornando – se espaço de produção e reprodução do capital, o que dá “possibilidade de sobrevivência” das pessoas menos favorecidas, pois além da venda da força de trabalho tem também a expansão do comércio sendo fonte de emprego e renda para uma parcela da população e a sua presença irá valorizar o espaço urbano.

Baseando-nos em CETEM (2014) podemos afirmar que a chegada da Ferbasa alterou o quadro socioeconômico de Andorinha, gerando cerca de mil postos de trabalho diretos e 160 indiretos, movimentando a economia local. No entanto, as comunidades camponesas se ressentem devido a diversos impactos negativos causados pela atividade mineradora. Segundo Monteiro (2019, s-n):

[...] Durante o processo de instalação da mina, segundo o representante sindical, a maioria das terras adquiridas pela empresa foi grilada. [...], as formas de trabalho, contudo não agradam boa parte da população do município que relata o alto índice de doenças sofridas por funcionários em atividade ou já aposentados [...] a maioria dos empregados hoje que trabalha na empresa vem de fora [...] conflito acerca do uso da água do açude etc.

Como podemos observar, existem indícios conforme relato de que parte das terras adquiridas pela empresa podem ter sido griladas, o que posteriormente causou transtornos à população, pois as cercas construídas e a segurança armada, impedem que as pessoas mais carentes produzam em suas próprias terras, conseqüentemente as mesmas se submetem a trabalhar para a empresa ou ir para a cidade em busca de condições mínimas de sobrevivência. É importante ressaltar que a grilagem não foi o único problema enfrentado, visto que, conforme Monteiro (2019) as condições de trabalho têm contribuído com o aumento no índice de doenças que acometem os funcionários, em alguns casos levando até mesmo a óbito, isso porque, os melhores cargos, com as melhores condições, estão ocupados por pessoas oriundas de outras cidades, restando para os naturais da cidade apenas os postos de “peão”. As pessoas que resistiram e ainda vivem aos arredores da empresa sofreram e ainda sofrem por, além de não poderem plantar ou criar nas terras, existem os conflitos acerca do uso da água do açude, principalmente no período das secas, pois mesmo em um cenário de precariedade a empresa continua a captar água dos reservatórios, deixando os produtores rurais em situação de calamidade.

Monteiro (2019, s-n) afirma que:

Durante a entrevista com entrevistado X, dia 19 de junho de 2019, o mesmo relatava o suicídio de um agricultor do município ao ver seus animais morrendo de sede e o mesmo sem condições de pagar por um caminhão pipa de água, pediu ajuda a empresa e não obtendo resposta, no desespero cometeu o suicídio.

Podemos perceber de forma bem clara o descaso com os pequenos produtores da comunidade, e os impactos negativos causados pelo funcionamento de um empreendimento privado que tem como principal objetivo a obtenção do lucro.

A atividade minerária tem sido vendida como indústria, mas ela não o é, é uma atividade extrativista. As mineradoras têm investido em um sistema de propaganda que as colocam como sustentáveis, mas

mesmo nos controversos conceitos de desenvolvimento sustentável, são necessários conceitualmente quatro requisitos para tal: ser uma atividade econômica viável, ambientalmente correta, socialmente justa e culturalmente aceita (MONTEIRO 2019, S-N).

Portanto, mesmo que a mineradora em seus discursos, alegue comprometimento com o município, e até cumpra com algumas pontuações, a empresa causa problemas de grande relevância e não segue o que é previsto pela Comissão Pastoral da Terra (CPT, 2017), que visa “uma atividade econômica viável, ambientalmente correta, socialmente justa e culturalmente aceita”.

Com relação aos proprietários fundiários, os mesmos tiveram parcela de participação na estruturação urbana de Andorinha, pois se observa que mesmo sendo poucos os proprietários fundiários com grandes quantidades de terras há a presença dos donos de pequenos lotes, localizados em alguns pontos da cidade e outros, localizados em áreas periféricas, o que dá possibilidade de expansão do núcleo urbano e modificação na estrutura da cidade. A propriedade fundiária cedeu espaço para a criação da cidade de Andorinha, entretanto a mesma ainda apresenta características rurais observadas nas pessoas que moram na zona rural e fazem o movimento pendular de ida e vinda todos os dias para trabalhar na cidade, nos tratores cruzando as ruas da cidade, como já foi dito a agropecuária tem participação na economia e mais da metade da população do município residem na zona rural as quais vão se aglomerando em diversos pontos formando os pequenos povoados.

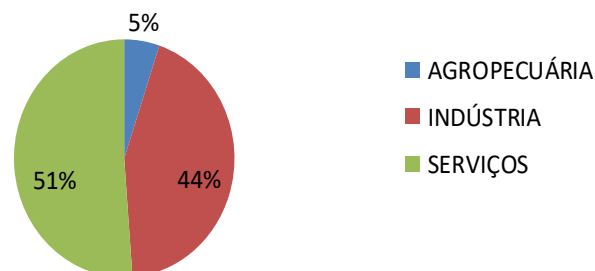
Os promotores imobiliários também atuaram no processo que deu origem a cidade, pois foi através de ações como implantação dos investimentos públicos e empreendimentos privados que os espaços foram valorizados e aos poucos habitados. A instalação do colégio estadual e de um posto de saúde na Vila Peixe, bairro mais afastado do centro da cidade é um exemplo desse movimento estratégico, em que os proprietários fundiários lotearam e ainda loteiam suas terras em função da valorização que as mesmas tiveram com as instalações. Observamos aqui a presença do Estado atuando na expansão da cidade. Os promotores imobiliários que atuaram e os que ainda atuam na produção do espaço urbano da cidade de Andorinha são os pequenos empresários que constroem seus imóveis comerciais, a exemplo dos supermercados, pousadas, lojas entre outros.

5 TRANSFORMAÇÕES NO ESPAÇO DA CIDADE: REFLEXÕES DAS MODIFICAÇÕES NA PAISAGEM A PARTIR DE REGISTROS FOTOGRÁFICOS.

As transformações e a espacialização da população na Cidade de Andorinha, a nosso ver, tem modificado bastante o aspecto físico dela. Vale ressaltar a questão do conforto e segurança que essas propiciam a sociedade, enfim, qualquer que seja a ação, ela por si só concretiza a paisagem local, e estas, estão correlacionadas com os fluxos econômicos das estruturas produtivas, sobretudo a agropecuária, mineração e serviços. Podemos demonstrar isso no gráfico a seguir:

Gráfico 01 - Base econômica de Andorinha – BA

Valor adicionado a preços correntes do município de Andorinha -BA - 2011



Fonte: IBGE Cidades, 2011.

O gráfico nos demonstra a partir de sua leitura a relação urbano-rural, em que a mesma não deve ser entendida somente em características numéricas, mas sim, levando em consideração a questão social envolvida.

Como enfatiza Santos da Silva (2011, p.188):

À medida que as cidades crescem espacialmente, mais complexas se tornam as relações rurais e urbanas. As pequenas cidades, por sua vez, apresentam do ponto de vista visual diferenças bem marcantes entre as áreas urbana e rural; é bem nítido poder ver onde está a cidade e o campo, mas estas cidades possuem forte e estreita ligação com o campo.

Ainda sobre as relações sociais estabelecidas entre o espaço urbano-rural, podemos perceber em Andorinha como ocorre esse comportamento.

A distinção de rural e urbano não pode se resumir a meras descrições numéricas ou sobre os dados e a definição oficial, mas nas relações sociais que circulam entre esses espaços, considerando a atual complexidade do processo imposta pela globalização dos espaços, pelo poder do capital, pela ação do Estado, bem como fomentar a crítica necessária a essas imposições (SANTOS DA SILVA, 2011, p.196).

Como observamos no gráfico, o que prevalece na composição da economia de Andorinha é o setor secundário e terciário. Embora componham meios distintos, há inter-relações entre urbano-rural, como vimos anteriormente o número de habitantes na zona rural supera o do meio urbano de Andorinha, apesar disso, não é a agropecuária que tem maior participação, sendo os serviços oferecidos na cidade, que tem maior porcentagem, revelando as contradições do real. Dessa forma, pautados em Carlos (2007), devemos pensar o urbano para além da realidade objetiva, levando em consideração o modo de vida das pessoas e as virtualidades, obedecendo a racionalidade inerente ao processo de reprodução das relações sociais, ou seja, “como aparece na obra de Lefebvre, o urbano não só enquanto objetividade, mas também enquanto virtualidade”.

Carlos (2007, p. 29) assinala que:

Desta forma, a sociedade urbana não designaria mais a vida na cidade, mas surgiria de sua explosão (com a imensa urbanização) com os problemas da deterioração da vida urbana. Enquanto momento histórico, o urbano engloba, mas antes transcende, a cidade, é assim que, para Lefebvre, o conceito de urbano permitiria analisar um duplo processo, aquele de implosão-explosão em que a cidade original não desapareceria com a modernidade ao mesmo tempo em que se dispersaria, em torno dela, a aglomeração. O termo designaria um processo mais amplo “onde se desenvolve a modernidade e cotidianidade no mundo moderno”; produto do fato de que o modo de produção existente ampliou o domínio da mercadoria, estendendo seu poder para todo o território, inundando e redefinindo relações sociais. Deste modo o urbano acentuaria a produção do cotidiano, que longe de se reduzir ao trivial, ganharia sentido no contexto da “reprodução”, dominada e organizada por ela, um espaço de cuidados, que tenderia a constituir-se em sistema, posto que a reprodução no mundo moderno não se faria ao acaso, mas organizada nos mínimos detalhes. Apareceria como resultado do mundo da mercadoria, como programa do capitalismo e do Estado que organiza a vida cotidiana porque organiza a sociedade de consumo. O capitalismo no curso de sua realização se transforma; a

reprodução sai da produção de mercadorias “para ganhar a sociedade toda”, sem deixar de criar contradições, posto que a reprodução em seu movimento real envolve tendências contraditórias. O cotidiano aparece como nível de análise no qual se estabelece o neo-capitalismo, por ser o lugar onde se reproduzem as relações sociais para além do lugar do trabalho, isto é, na sociedade inteira, bem como no espaço inteiro.

Atualmente em Andorinha o urbano e o rural formam uma relação bastante ampla, em que percebe-se práticas e espaços não urbanos, presente em pessoas que se deslocam de suas casas na “roça” pra trabalhar e/ou até mesmo para utilizar os serviços que são oferecidos na cidade, chácaras, áreas de horticultura, reservas naturais, entre outras paisagens de predominância rural, assim como, no espaço rural, podem existir espaços urbanos, ou pessoas da cidade indo para o meio rural, seja para trabalhar, que são os funcionários da mineradora localizada na área rural de Andorinha, professores das escolas rurais, agentes de saúde práticas turísticas, entre outros casos, fazendo assim, o movimento pendular, de ida e volta todos os dias.

Neste capítulo utilizamos as fotografias registradas no passado, e partindo da análise interpretar o espaço de Andorinha, para assim podermos compreender as particularidades existentes na paisagem concreta, assumindo assim um papel muito importante por se tornar uma fonte histórica dos processos envolvidos.

Lima e Amora (2012, p.58) asseveram que:

As fotografias têm papel importante na captura de imagens do real, que podem ficar guardadas e cristalizadas por muito tempo. Dependendo do olhar que se lance sobre a fotografia, muitas informações podem ser reveladas ou mascaradas.

As fotografias a seguir são registros de Amélio Junior nos anos oitenta e noventa e as atuais registradas por Gonçalves (A autora desse trabalho). Estas fotos foram fundamentais para a análise e descrição do espaço já que exhibe o que existia no passado e o que existe atualmente.

Fotografia 2 - Capela



Fonte: Amélio Junior, 1990.

A fotografia número 02(dois) apresenta a primeira obra do povoado a beneficiar toda comunidade religiosa, que até então, se utilizavam da capela de cunho particular da família de João do Gato. Vale ressaltar que a capela não existe mais, conforme citamos anteriormente. A partir dos registros fotográficos podemos observar que o povoamento da cidade se deu em seu entorno e se especializando até chegar a atual configuração. Alguns anos depois foi necessário à construção de uma nova igreja, a qual pode ser observada no canto direito superior da fotografia 03 (três), pois a capela já não dispunha de condições para comportar o número de fiéis que só aumentou no decorrer do tempo.

Fotografia 3 - Antiga Capela e Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro



Fonte: Amélio Junior, 2010.

A fotografia número 04 (quatro) expõe a realização da primeira feira livre em Andorinha. Foi algo glorioso, pois a sede da Cidade de Senhor do Bonfim ficava muito distante e para chegar até lá as pessoas enfrentavam uma longa caminhada a pé ou no lombo de jegues para comprar mantimentos. Sublinha Cia AND'ART (2012), a feira ocorria ao ar livre, em cima de esteiras e caixotes de forma a deixar expostos a mercadoria para que as pessoas pudessem comprar seus mantimentos, como podemos observar na figura 04. Mesmo que no início a feira acontecesse de forma precária a sua conquista foi muito importante, pois assim as pessoas não se submeteriam a cansativa caminhada até a cidade mais próxima.

Fotografia 04 - Feira livre



Fonte: Amélio Junior, 1936.

Atualmente está sendo construída e reformada a praça da feira como podemos observar na figura de número 05 (cinco), obra de importância relevante já que a mesma ocorria em um local sem pavimentação e em época chuvosas dificultava bastante a comercialização dos mantimentos.

Fotografia 5 – Construção da praça da feira



Fonte: Gonçalves, 2019.

A caminhada cansativa para comprar mantimentos não era a única dificuldade que os moradores de Andorinha tinham que enfrentar, na época não havia água encanada restando como alternativa buscar água de balde no tanque, fato observado nas fotografias de número 06 (seis) e 07 (sete).

Fotografia 6 - Tanque



Fonte: Amélio Junior 1980.

Fotografia 7 - Pegando água de balde



Fonte: Amélio Junior, 1980.

Segundo o IRPAA (2014), em 1983 foi construído o Açude Público Andorinha II para abastecimento de água no município de Andorinha, pelo Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS) com capacidade média de 13.000.000 m³ de água. Vale ressaltar que este açude já foi e ainda é motivo de conflitos entre a população e a empresa de mineração. Segundo Monteiro (2019) o açude era para ser construído em outra localidade, porém, de forma pensada e articulada, a sua construção foi no local estratégico, de forma a beneficiar a empresa, o que nos demonstra a aliança entre estado e empreendimento privado em busca da satisfação de seus interesses individuais, mesmo que de alguma forma respingue benefícios à população.

Como podemos observar na fala de entrevistado X (2019) um morador da comunidade, citada por Monteiro (2019, s-n):

O açude era pra ser construído na comunidade da Jurema onde passa outro rio, eles mudaram o projeto da construção do açude para o Medrado pra favorecer a FERBASA, ela se instalou aqui no município em 1971, o chefe da empresa junto com o estado que eram aliados fizeram essa mudança no projeto de construção do açude, já com esse interesse da empresa também usar a água do açude, ai já ficou claro que o interesse da construção do açude era favorecer a empresa e não pensando no povo do município, afirma (entrevistado X, 19/06/19).

Fazendo uma leitura atenta da obra de Monteiro (2019) percebe – se que a mudança no projeto de construção do açude não foi um caso isolado foi apenas o início. Após sua construção a empresa começou a bombear água do mesmo para abastecimento de seus reservatórios, e como já foi relatado, mesmo estando localizado em uma região semiárida a agropecuária é meio de sobrevivência dos integrantes das comunidades locais, sendo o açude de grande importância para abastecimento humano e dessedentação animal, um longo período de estiagem ocasionou a baixa do volume de água do açude, chegando ao nível morto do mesmo. Ainda assim a empresa não parou de bombear água, o que causou inquietações nas pessoas, sendo o estopim do conflito comunidade/FERBASA acerca do uso da água.

De um lado pessoas humildes que precisavam da água para suas necessidades e do outro uma empresa gigante preocupada em gerar lucros, e em meio a esse cenário, governantes omissos que não resolveram de forma pacífica a situação. Em momento de desespero a população busca apoio de parceiros como o Sindicato dos trabalhadores rurais e a CPT para acampar às margens do açude na tentativa de impedir a empresa de captar água. No entanto, conforme reflexões de Monteiro (2019) a reação da empresa foi contrária, buscou formas de criminalizar a associação dos pescadores e aquelas pessoas que só queriam manter seu meio de sobrevivência. Em busca de solucionar o problema, a Agência Nacional das Águas (ANA) cede uma outorga a empresa dando direito de utilizar-se de uma vazão máxima determinada, porém em períodos chuvosos a empresa voltava a ligar suas bombas. Segundo Monteiro (2019) a Associação de Pescadores, resolveu entrar com a ação na Justiça Federal em Campo Formoso-BA, em que ficou definido que a ANA será o órgão responsável pela gestão do açude Andorinha II e em caso de risco de escassez na região, a mesma é responsável por reaver um novo plano estratégico emergencial.

Segundo IRPAA (2014) e a Secretaria de Infraestrutura do município de Andorinha (2020), nos anos de 2010 a 2012, em razão das secas longas, Andorinha juntamente com a EMBASA, empresa que atende a cidade desde o ano de 1997, implantaram uma adutora trazendo água do Rio São Francisco. Atualmente a cidade é abastecida com água da barragem de Ponto Novo, o que não diminui a importância do açude, visto que, é fundamental para a dessedentação animal e pesca que é uma das atividades que movimenta o quadro econômico de Andorinha.

Nessas condições evidenciamos a presença do Estado atuando na produção do espaço e em benefício da FERBASA.

Um dos fatores que justifica a presença do espaço urbano de Andorinha estar localizado justamente nesse recorte espacial é a existência do reservatório de água, pois a origem de uma população é explicada pela presença de recursos naturais que dê possibilidade de sobrevivência. Andorinha está localizada exatamente nas proximidades dos rios que compõem o TIPNI, como já foi dito anteriormente, também é privilegiada por recursos naturais a exemplo, um solo rico em cromo e o clima garante a prática da agropecuária.

Deysi Regina Tres¹ (2011, s-n) afirma que:

Desde a origem, desde a aparição da espécie humana, o homem transforma a natureza. Como qualquer outra espécie, o homem interfere, só pela sua presença, sobre os ecossistemas que o abrigam; como qualquer outro ser vivo, o homem utiliza recursos para assegurar sua sobrevivência.

A partir da análise da paisagem por meio das fotografias podemos observar que onde a paisagem no passado era apenas um tanque se modificou totalmente. Atualmente apresenta uma paisagem construída pelo homem, o lugar que servia para armazenamento de água hoje é passagem das pessoas que habitam o seu entorno. Além da construção de casas podemos identificar no canto esquerdo superior na fotografia de número 08 (oito) um posto de saúde que nada mais é do que uma obra do Estado.

Fotografia 8 - Rua do Tanque



Fonte: Gonçalves, 2019.

A esse respeito Harvey (2005, p. 170), afirma que:

O conjunto espacialmente estabelecido dos processos sociais, que denomino urbanização, produz diversos artefatos: formas construídas, espaços produzidos e sistemas de recursos de qualidades específicas, todos organizados numa configuração espacial distintiva.

Nesse sentido, existem diversas maneiras do Estado participar da produção do espaço urbano, a exemplo da criação de leis que visem à organização da cidade através de ações que imponham a ordem da mesma, as políticas públicas que são muito importantes na construção de obras públicas e, para o processo de habitação do local.

Outra mediação importante nas transformações da cidade se deu por meio da intervenção da mineração. Assumindo papel de grande relevância, a exploração de minério nos solos do município constituiu fator prioritário para a implantação de infraestrutura, juntamente com as intervenções políticas. As fotografias de número 09 (nove) e 10 (dez) mostram um exemplo da construção e recuperação de estradas para o escoamento do minério como destaca CETEM (2014): “após grande mobilização dos moradores, a Ferbasa se comprometeu a asfaltar 660 metros da estrada, fazendo todo o terraplenagem e algumas obras civis, como alargamento das pontes e construção de passagens laterais de sete metros de comprimento”, visto que, naquele período as vias de circulação eram precárias, sendo necessária a abertura de estradas.

Fotografia 9 - Estrada que liga Andorinha ao Povoado de Caldeirão da Vaca



Fonte: Amélio Junior, 1990.

A fotografia 09 (nove) mostra as pessoas no chora bananeira nos anos 90, evento que acontece todos os anos no último dia da tradicional festa do São Pedro. Podemos observar que onde hoje é a BA – 220 não tinha asfalto. Na figura 10 (dez) vemos o mesmo trecho asfaltado no ano 2019.

Fotografia 10 - Estrada asfaltada



Fonte: Gonçalves, 2019.

A fotografia a seguir, demonstra de forma bem clara a transformação que ocorreu onde hoje está localizada a praça da antiga igreja em que na fotografia 11(onze) exhibe um lugar sem calçamento e com poucas casas ao seu entorno nos anos 80, já a fotografia 12 (doze) mostra o espaço totalmente modificado, com a presença de uma praça e a rua calçada em 2019.

Fotografia 11 - Praça da Igreja



Fonte: Amélio Junior, 1988.

De fato, ocorreram grandes transformações no espaço urbano da cidade, essas praças foram construídas no sentido de mudar significativamente a morfologia da área urbana de Andorinha e proporcionar aos moradores espaços de encontro e lazer, onde se realizam as tradicionais festas da cidade.

Fotografia 12 - Praça da Igreja



Fonte: Gonçalves, 2019.

Dentre as demais infraestruturas presentes na paisagem de Andorinha, elencamos a construção de escolas tanto por iniciativa privada como por iniciativa do governo. Na fotografia 13 (treze) temos a Escola Márcio Seno, fundada em 1987 por José Carvalho fundador da empresa de minério FERBASA, um empreendimento privado, mas que beneficia a toda a comunidade de Andorinha.

Fotografia 13 - Escola Márcio Seno



Fonte: Amélio Junior, 1990.

Na fotografia 14 (quatorze) temos a escola Noêmia Vitor localizada na Praça João Alves Araújo no centro da cidade, uma construção do governo. Percebe-se que ainda não havia calçamento nem a praça.

Fotografia 14 - Escola Noêmia Vitor



Fonte: Amélio Junior, 1980.

A fotografia 15 (quinze) mostra a escola por outro ângulo, pois está murada, reformada e em sua entrada foi construída a praça de eventos, a Praça João Alves Araújo no centro da cidade.

Fotografia 15: Praça João Alves Araújo no centro da cidade



Fonte: Gonçalves, 2019.

O ato de investir em um determinado lugar é algo pensado e articulado, seja ele por iniciativa pública ou privada, pois a construção de um empreendimento público de grande ou pequeno porte além de beneficiar a população que desfruta de tal, beneficia indiretamente os investidores, a exemplo da construção de praça, escolas, quadras esportivas, rodovias, entre outros, o mesmo se justifica pela movimentação no quadro econômico do lugar, por ser atrativo e ponto de encontro de pessoas.

Harvey (2005, p. 174) aponta que:

A construção de tais lugares talvez seja considerada uma maneira de obter benefícios para a população numa jurisdição específica. De fato, essa é a alegação principal do discurso público elaborado para justificá-la. No entanto, geralmente, sua forma torna indiretos todos os benefícios, e, possivelmente resulta maior ou menor em escopo do que a jurisdição em que se encontra.

A câmara municipal da cidade também é objeto a ser analisado, como podemos ver na fotografia de número 16 (dezesseis), a mesma funcionava em uma estrutura precária, em uma sala de aula na escola Noêmia Vitor, atualmente está localizada em outro lugar e com uma estrutura bem mais moderna, identificada na fotografia de número 17 (dezessete).

Fotografia 16 - Antiga Câmara Municipal



Fonte: Amélio Junior, 1990.

Fotografia 17 – Câmara Municipal



Fonte: Gonçalves, 2019.

Como podemos observar várias foram às transformações no espaço urbano da cidade de Andorinha, representadas nas fotografias acima. Tais transformações ocorridas mediante os agentes produtores do espaço urbano (CORRÊA, 1995), mediada pelos interesses do capital, resultando no processo de (re)produção do urbano.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises feitas a cerca das transformações na paisagem urbana de Andorinha nos mostrou que todos os atores citados ao longo do trabalho tiveram papel fundamental na estruturação do espaço urbano da cidade. Vale destacar que as transformações e melhorias do objeto de estudo foram significativas, as quais ocorreram em temporalidades e espaços diferentes.

Apesar de apresentar uma estrutura bastante modificada em relação a 1885 e 1989, sua paisagem ainda se encontra em movimento, pois assim é que funciona em um espaço em que há a presença do homem. É sabido que a cidade se expande para as áreas periféricas de acordo com a necessidade da produção e reprodução do capital, o que não difere em Andorinha, a qual, através dos promotores imobiliários e loteamentos das terras o seu entorno continua se expandindo em direção a áreas periféricas.

Ressaltamos ainda a importância da compreensão histórica para o estudo geográfico das transformações das formas e processos espaciais. A utilização de instrumentos analíticos da história foram fundamentais para nossas interpretações e apreensões das modificações na paisagem e produção do espaço.

Por fim, consideramos que todas as transformações acima citadas possuem um significado muito importante na vida das pessoas que moram na cidade, já que esses equipamentos promovem além do desenvolvimento econômico o desenvolvimento social. Entendemos que pelo fato de Andorinha, ainda, apresentar muitas características rurais e ser uma cidade considerada nova com apenas 31 anos e por ser pequena, qualquer que seja a interferência em seu espaço, transforma significativamente a sua paisagem.

REFERÊNCIAS

- BERTRAND, Georges. **Paisagem e geografia física global**, R. RA´E GA, Curitiba, n. 8, p. 141-152, 2004. Editora UFPR.
- BONFIM, Marcia Cristiane Soares; NOGUEIRA, Eliane Maria de Souza. **Percepção ambiental e adaptabilidade aos efeitos socioambientais nas comunidades rurais do semiárido em Andorinha, Bahia**, R. gest. sust. ambient, Florianópolis, v. 7, n. 4, p. 496-514, 2018.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço-Tempo da vida cotidiana na metrópole**. 2. ed. São Paulo: Labur Edições, 2017. 317p.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Espaço urbano: novos escritos sobre a cidade**. 1. ed. São Paulo: FFLCH, 2007. 123p.
- COMISSÃO PASTORAL DA TERRA. **Conflitos no Campo – Brasil 2017**. Goiânia-Go, junho de 2018. 280p.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1995.
- CETEM - Centro de Tecnologia Mineral. **Exploração de cromita em Andorinha (BA) causa problemas socioambientais**. Andorinha – BA: MUNICÍPIOS, 2014. Disponível em: <
<http://verbetes.cetem.gov.br/verbetes/ExibeVerbete.aspx?verid=175>> Acesso em: 09 set. 2019.
- CIA AND´ART - CULTURA DE ANDORINHA. **História de Andorinha**. Cultura Andorinhense, 2011 Disponível em: <
<http://culturaandorinhense.blogspot.com/p/identificacao-do-municipio.html>> Acesso em: 16 out. 2019
- DUBOIS, P. (1994). **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas, SP: Papyrus, 362p.
- HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005. 252p.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estatísticas de Andorinha: séries econômicas e populacionais**, Andorinha: IBGE, 2010.
- IRPAA - Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada. **Em Andorinha (BA), água é motivo de conflito entre a população e empresa de mineração Ferbasa**. Andorinha [2014]. Disponível em: <https://irpaa.org/noticias/944/em-andorinha-ba-agua-e-motivo-de-conflito-entre-a-populacao-e-empresa-de-mineracao-ferbasa>. Acesso em: 09 set. 2019.

JURADO DA SILVA, Paulo Fernando. **Cidades pequenas e indústria** : contribuição para a análise da dinâmica econômica na região de Presidente Prudente-SP. Presidente Prudente, 2011. 282p

KOSSOY, B. **Fotografia & História**. 3ed. revista. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. 5. ed. São Paulo: CENTAUROS, 2011.

LIMA, A. M.; AMORA, Z. B. **Debates acerca da geografia histórica e da geo-história**: elementos para a análise espaço-temporal. Espaço Aberto, V. 2, N.2, p. 51-72, 2012. Rio de Janeiro. Disponível em: <chrome-extension://mhjfbmdgcfjbbpaeojofohoefgiehjai/index.html>Acesso em: 05 de setembro 2019.

_____. Ensaios e proposições para a utilização do método histórico na análise geográfica. In: anais da semana universitária da UECE, 2010.

MASSIMI, M. **História das ideias psicológicas no Brasil, em obras do período colonial**. São Paulo, 1984. Dissert. (mestr.) Psicologia, USP.

MONTEIRO, Amanda Dos Santos. **Conflito por água no território do piemonte Norte do Itapicuru**: os impactos socioambientais na comunidade pesqueira de medrado em Andorinha – BA, Senhor Do Bonfim – BA, novembro. 2019.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Bases da formação territorial do Brasil**, GEOGRAFARES, Vitória, n 2, jun. 2001

_____. Geografia: pequena história crítica. 21^a. ed. São Paulo: Annablume, 2007.

MACHADO, Paulo Batista. **Senhor Do Bonfim – Histórico**. Disponível em: <<https://blogpaulomachado.wordpress.com/2010/09/05/senhor-do-bonfim-historico/>> . Acesso em: 06 de maio de 2021.

PIRES, H.F. **Reflexões sobre a contribuição da geografia histórica e da geo-história na renovação dos pensamentos geográfico e histórico no século XX**. In: I Colóquio Brasileiro de História do Pensamento Geográfico 2008. Uberlândia: UFU, v.1, p.01-18. 2008.

SEPLAN - Secretaria de Planejamento. **Plano territorial de desenvolvimento sustentável**. Território de identidade Piemonte Norte do Itapicuru, Jaguarari, 2012.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**, 4. ed. São Paulo: Nobel, 1997- (Coleção espaços).

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado, fundamentos teórico e metodológico da geografia**. São Paulo: Hucitec, 1988a.

SANTOS, Milton. **O espaço em questão**. In: Terra Livre. São Paulo: Editora Marco Zero, 1988b.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova:** da crítica da geografia a uma geografia crítica. – São Paulo: EDUSP, 2002.

SANTOS, Milton. **A Natureza do espaço:** técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. 2. reimpressão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. 260p.

SANTOS DA SILVA, Marcos Nicolau. **O Rural e o urbano:** quantas questões. Caminhos de Geografia, Uberlândia, v.12, nº39, setembro 2011, p.181-197.

TRES. DEYSI REGINA ^I; REIS. ADEMIR ^I; SCHLINDWEIN. SANDRO LUIS ^{II}. **A construção de cenários da relação homem-natureza sob uma perspectiva sistêmica para o estudo da paisagem em fazendas produtoras de madeira no planalto norte catarinense.** v.14 n.1 São Paulo Jan./Jun 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-753X2011000100009> Acesso em: 05 out.2019.